

ÍNDICE

Nota do Editor	13
Prefácio	15
Introdução.....	21

OS HOMENS

Uma escola de esgrima à portuguesa	39
Uma curiosa troca de insultos	43
O mais ousado de todos os navegadores.....	45
Lopo Barriga, o papão português	53
Um português zangado.....	57
Duas caravelas contra dezassete naus grossas	61
Correrias africanas	63
Bandeiras mouras para a Sé de Lisboa	65
Dois portugueses numa nau cheia de turcos.....	69
O homem que nunca mentiu nem fugiu.....	71
Só resta uma armadura e em mãos alheias.....	85
120 contra 50.000	89
Trinta para cada um	93
Desafiou um exército por causa de um capacete.....	95
Voluntários para se meterem no inferno	97
Respeito pela leitura.....	101
Cinco saltaram para a brecha	105
Dois a defender um baluarte.....	111

Ficar sem um braço não é o fim da peleja.....	113
Lutou-se até por debaixo de água.....	115
Quantos ferimentos aguenta um português?	117
E a mina levantou o planalto	121
Não tendo bala, arrancou um dente, carregou o mosquete e disparou... 127	
Uma espada lusa vencida pelo amor.....	145
Apontamentos merecedores de reflexão.....	147

AS ARMAS

A espada portuguesa de 1400 a 1600	167
O sabre muçulmano	189
O nimcha marroquino.....	193
O kilij, kilig, kilich ou quillij turco	195
O shamshir, shamsheer ou chimchir persa	197
A cimitarra, scimitar ou scimeter indo-persa	199
O tulwar, tulvar ou talwar indiano.....	201
Khanda, a espada hindu.....	205
A maça-de-armas e o gurz hindu.....	207
A lança	209
O escudo europeu.....	211
O escudo muçulmano.....	213
O arco	215
A flecha	219
A besta, a gafa e virote	221
A artilharia.....	223
A espingarda.....	227
A pistola	231
A faca, o punhal e a adaga.....	233
O katar e a patá	237

CRONOLOGIA COMPARATIVA LUSO-INDIANA

Reis de Portugal (<i>do séc. XII a meados do séc. XVIII</i>)	253
Soberanos do Indostão (<i>do séc. XI a meados do séc. XVIII</i>)	254
Bibliografia	257

INTRODUÇÃO

Um industrial meu amigo, tendo sido maltratado pela onda de ingenuidade revolucionária no período pós 25 de Abril de 1974, resolveu tentar conseguir estabelecer-se num dos principais países da Península Arábica. Preparou um extenso dossier, demonstrativo do que já havia feito e do que pretendia fazer. Acompanhado por dois membros da sua equipa, meteu-se no avião, esperançado em conseguir descobrir alguém que, eventualmente, se pudesse debruçar sobre o seu assunto. Hospedando-se num dos principais hotéis da capital (com despesas de estada que ultrapassam os mais caros hotéis europeus), falou com o gerente, pedindo-lhe uma indicação sobre a quem se deveria dirigir para expor a sua proposta. O gerente do hotel riu-se, dizendo que era extremamente difícil ser recebido por alguém a nível governamental e que havia diversos hóspedes no seu hotel que já ali se encontravam há meses à espera de uma possibilidade para serem recebidos. Perante esta problemática, que se poderia tornar muito dispendiosa em tempo e dinheiro, resolveu o meu amigo escrever uma carta ao Ministro da Economia. Naquele país este posto não existe com esta denominação, de forma que a sua carta foi aberta, passando de mão em mão no Palácio Real. Achou-se curioso o “descaramento” de um estrangeiro, que inesperadamente chegou de longe e, sem aviso prévio, pede para falar pessoalmente com um membro da Casa Real! Um irmão do Rei mencionou a questão, dizendo



FIG. 6: Espada colonial portuguesa com as terminais das guardas redondas, afiadas e vazadas com o feitio da cruz. (Coleção Rainer Daehnhardt)



FIG. 7: Espada colonial portuguesa com guarda em latão vazado, com o feitio da cruz. (Coleção Rainer Daehnhardt)

Um outro amigo meu, que foi forçado na sua juventude, disse-me o que sentia quando se colocava à cabeça do seu grupo, incitando o touro, pronto para se lançar sobre a enorme cabeça, evitando os cornos e agarrando-se ao tremendo pescoço do animal, contando que outros o viessem acudir. «Bem, a gente não pisava arena sem se preparar com uma pinga; e, já aí estando, não se podia deixar ficar mal a malta; incitava o animal, fazia o sinal da cruz e será *o que Deus quiser*.» Não me admiro que só em Portugal se enfrente o touro sem arma de espécie alguma na mão! Não me admiro que muitos dos actuais forçados sejam descendentes de grandes navegadores e homens de guerra portugueses dos séculos passados!



DOIS PORTUGUESES NUMA NAU CHEIA DE TURCOS

Durante a batalha naval que D. Francisco de Almeida travou contra as armadas juntas dos turcos e seus aliados cambaios e indianos, deu-se um dos tantos episódios da história portuguesa merecedores de reflexão.

Na proa do navio de D. António de Noronha iam doze portugueses que se propuseram saltar logo para a nau turca que estavam a abalroar. A honra de ser o primeiro era o prémio máximo que se poderia obter nesta contenda, onde a cada português caberia mais de uma dezena de turcos! O navio português abalroou a nau turca com tanta violência que voltou para trás, tendo-se desviado do seu rumo. Durante o choque das duas grandes embarcações, cinco dos doze portugueses conseguiram saltar para a nau turca, confiantes de que os outros viriam também. O azar desviara uma nau da outra e impedira a execução do que estava planeado, encontrando-se assim, de repente e inesperadamente, cinco portugueses numa nau com centenas de turcos! Isto não os impediu de lutar ferozmente, mas a quantidade de flechas atiradas a curta distância acabou por feri-los todos, matando três.

Os dois portugueses feridos mas sobreviventes decidiram vender caras as suas vidas, atacando como leões os turcos que os rodeavam, matando oito com estocadas rápidas. Manejaram as suas adagas na mão esquerda e as espadas na mão direita com tal



O HOMEM QUE NUNCA MENTIU NEM FUGIU

As perdas no comércio entre a Europa e a Ásia fizeram-se sentir não só entre os comerciantes turcos, que até à chegada de Vasco da Gama à Índia detinham o seu monopólio, mas também nos portos italianos. Da costa do Malabar vinham as especiarias em naus e galés turcas para o Mar Vermelho e daí seguiam em caravanas para Alexandria, onde eram de novo embarcadas, principalmente para Veneza.

Quando as naus portuguesas começaram a trazer as especiarias pela via do Cabo da Boa Esperança, cortando os muitos intermediários, passaram os turcos a dar guerra sistemática aos navios portugueses. A qualidade das naus portuguesas e da sua artilharia causou grandes baixas aos turcos, que já não conseguiam satisfazer as encomendas venezianas.

Nesta situação, reuniu-se uma armada gigante para correr, de vez, com os portugueses do Índico. Quem então deu grande ajuda aos turcos foi Veneza, enviando madeiras, construtores e artilharia pesada. Assim surgiram naus em mãos turcas, preparadas para fazer frente às portuguesas.

A primeira confrontação desta armada muçulmana com forças portuguesas deu-se em Chaul, onde o Vice-Rei da Índia Portuguesa, D. Francisco de Almeida, perdeu o seu filho. Sabendo que esta perda não só o desanimava a ele como pai, mas também a todos os portugueses no Índico e daria ânimo aos turcos, a pon-



120 CONTRA 50.000

É fácil considerarmos certos relatos exagerados quando os não estudamos devidamente. Porém, quando se conseguem diversos relatos, inclusive de fontes opostas, é necessário reformular opiniões, pois aí encontramos-nos perante factos duplamente reconfirmados.

Isto vem a propósito de certas batalhas que se deram no Extremo-Oriente, onde os portugueses lutaram contra exércitos locais que mais não eram do que grandes multidões de indígenas mal equipados. O perigo de morte, entretanto, mantinha-se, apesar da inferioridade das armas dos adversários. A morte de Fernão de Magalhães numa escaramuça nas Filipinas é prova disso mesmo.

Aí relativamente perto, nas Molucas, fonte das melhores de todas as especiarias, encontrava-se António Galvão, que largara de Cochim a 8 de Maio de 1536, com duas naus carregadas de soldados e colonos para implantar gente portuguesa em Ternate. Juntando mais duas caravelas e alguns navios de remo que havia em Ternate, resolveu fazer-se a Tidore, onde se encontravam reunidos os exércitos de diversos Reis das Molucas, perfazendo um total de cerca de 50.000 guerreiros. Aparecendo as nossas naus com as suas peças de grande calibre, resolveram as trezentas corocoras (embarcações de combate indígenas) manter-se fora do nosso alcance, evitando-se desta sorte uma batalha naval.

Feito o reconhecimento parcial da ilha, cujas praias se viam cheias de guerreiros indígenas e disparadas as primeiras bombar-



CINCO SALTARAM PARA A BRECHA

Durante o primeiro cerco a Diu (1538), António da Silveira defendeu a fortaleza com 600 portugueses, contra dezenas de milhares de turcos e cambaios. Ao fim de meses de lutas incessantes, o número de portugueses ainda capazes de manusear o mosquete ou a espada desceu para uns meros 40, tendo o adversário perdido para cima de 3.000 homens, acabando por desistir e ir-se embora. Mas, para o turco, a derrota no primeiro cerco não significou a desistência. Ao tomar conhecimento de que tão poucos portugueses se encontravam na fortaleza quando levantara o primeiro cerco, decidiu reaparecer, devidamente preparado e com novo exército gigante. Desta feita, no ano de 1546 surgiu com 13.000 homens em frente à fortaleza, entretanto restaurada, mas defendida apenas por 250 portugueses, liderados pelo seu capitão D. João de Mascarenhas. Ambos os lados tentaram conseguir introduzir reforços, recebendo os portugueses mais 200 e o turco mais 20.000. A situação era desesperada, pois os nossos perderiam inevitavelmente se dessem luta em campo aberto, só lhes restando a defensiva. E desta vez o inimigo trazia engenheiros experimentados, que abriram grande quantidade de trincheiras à volta da nossa fortaleza, colocando nelas bombardas de enormes dimensões para derrubar os nossos muros.

(Após a vitória portuguesa e o abandono destas grandes peças pelo inimigo, caíram algumas, de dimensões nunca vistas, nas nossas mãos. Uma, chamada “A grande peça de Diu”, ainda



NÃO TENDO BALA, ARRANCOU UM DENTE, CARREGOU O MOSQUETE E DISPAROU

É por vezes nos relatos de estrangeiros, que há muitos séculos se debruçaram sobre a nossa história, que encontramos pormenores interessantes.

Narra-nos um padre holandês, Philippus Baldaeus, que acompanhou as armadas seiscentistas dos Países Baixos nas suas conquistas das praças portuguesas do Índico, uma história curiosa que, entretanto, também já consegui descobrir num relato português.

Durante o primeiro cerco de Diu, encontrou-se um soldado português como único sobrevivente num dos baluartes que os turcos estavam a atacar, em ondas sucessivas. Tendo já gasto todas as balas (esferas de chumbo), mas possuindo ainda suficiente pólvora para mais um tiro, e na aflição de nada mais ter com que carregar a sua espingarda, resolveu arrancar um dos seus dentes! Carregou com ele a arma e disparou-a contra o adversário surpresa, que já o considerava sem munições!

Trata-se de um pequeno pormenor numa grande batalha, que facilmente entra no esquecimento. O holandês, porém, adversário nosso um século depois, narra este facto com profundo respeito por um digno rival! As diferentes edições da sua obra (em holandês, alemão e inglês), não condizem em todos os pontos, notando-se cortes feitos pelos editores seiscentistas. Todas as edições, porém, mencionam o episódio, o que nos mostra que





FIG. 119: Câmara de um berço, carregável pela culatra. (*Colecção Rainer Daehnhardt*)



FIG. 120: Berço manuelino. A peça de artilharia naval que, pelo seu carregamento pela culatra e sua utilização em forquilha montada na amurada, ofereceu superioridade às naus e caravelas portuguesas sobre as galés turcas, então equipadas com peças de carregamento pela boca e montadas na proa, de forma imóvel. (*Colecção Rainer Daehnhardt*)